

CARMEN NICOLUSSI

**MONOGRAFIA CONSTRUIDA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA
EDUCAÇÃO E DA ANTROPOLOGIA CRÍTICA DA CULTURA E DA
SOCIEDADE DOMINANTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização para Formação de professores em EAD, da Universidade Federal do Paraná, como exigência parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação a Distância.

Prof^ª. Orientadora: Cristina Azra Barrenechea

CURITIBA

2001

CARMEN NICOLUSSI

**MONOGRAFIA CONSTRUÍDA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA
EDUCAÇÃO E DA ANTROPOLOGIA CRÍTICA DA CULTURA E DA
SOCIEDADE DOMINANTE**

CURITIBA

2001

Termo de aprovação

CARMEN NICOLUSSI

**MONOGRAFIA CONSTRUÍDA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA
EDUCAÇÃO E DA ANTROPOLOGIA CRÍTICA DA CULTURA E DA
SOCIEDADE DOMINANTE**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de
Especialista em Educação a Distância da Universidade Federal.

Orientadora: Cristina Azra Barrenechea

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1 Justificativa	01
1.2 Objetivo Geral	01
1.3 Objetivos Específicos	02
2. DESENVOLVIMENTO: A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA.....	03
3. O PROTEGIDO, O TOLERADO E O PROIBIDO: TRES TIPOS DE CIENTISTAS BRASILEIROS	10
4. ANTROPÓLOGOS: OS “AMIGOS” DOS “ÍNDIOS”?	13
5. AS ORIGENS DA CULTURA BRASILEIRA / O PAÍS SOBRE UM CEMITÉRIO.....	16
6. POVOS INDÍGENAS: SUJEITOS DO CONHECIMENTO E DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA:	17
7. “OS COGUMELOS NA CULTURA” TEXTO DA ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS.....	20
8. CONCLUSÃO	27

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANEXO 1 – CAPA (modelo NEAD)

ANEXO 2 – TERMO DE APROVAÇÃO (modelo NEAD)

ANEXO 3 – CARTA AOS ALUNOS (CARMEN NICOLUSSI)

ANEXO 4 – CARTA AOS DOUTORES (JOSÉ MARIA ARGUEDAS)

1. INTRODUÇÃO

No mesmo sentido de “CARTA AOS DOUTORES DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS e de DANIEL MUNDUKURU” a educadora LÚCIA HELENA VENDRUSCOLO POSSARI da Universidade Federal de Mato Grosso/N.E.A.D. veio até nós no Curso de Especialização-Formação de Professores em E.A.D. questionando radicalmente a Educação Formal da Escola através da pergunta: “*O que é que nós estamos produzindo ?!*”, pergunta que ecoou mais é com um Grito no silêncio da sala estarecida cativando toda minha atenção.

A descolonização do curriculum, incorporando o conhecimento e a visão de mundo dos excluídos, das minorias, dos clandestinos da história e dos diferentes, como *sujeitos* do conhecimento e da história, muda radicalmente o conteúdo do conhecimento e aprofunda sua qualidade, resgatando a própria ciência na construção da cidadania no reconhecimento da *alteridade*.

1.1 Justificativa

Esta monografia em E.A.D. é o desenvolvimento do pré-projeto de monografia de Carmen Nicolussi apresentado à seleção do Curso de Especialização: “Pré-projeto em E.A.D. construído a partir da Teoria Crítica da ‘Educação x Antropologia’ crítica da cultura e da sociedade dominantes”.

1.2 Objetivo Geral

No bojo das contradições da Universidade Brasileira em busca de sua identidade emerge a pergunta questionadora: “O que é que estamos produzindo?” é

o objetivo geral de uma Educação que venha beneficiar o Povo Brasileiro como um todo.

1.3 Objetivos Específicos

- 1) Uma reflexão sobre a Universidade Brasileira e sua Identidade;
- 2) A descolonização do currículo;
- 3) A descolonização da Antropologia;
- 4) Antropologia como disciplina nos cursos EAD, e como um dos pilares que fundam o projeto pedagógico EAD.

2. DESENVOLVIMENTO: A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

Relativizando... é uma característica da Antropologia... encontra-se a Antropologia Brasileira no conjunto da pluralidade das Antropologias sobre um aspecto mundial.

Segundo o antropólogo FRANS MONEN, do Projeto para um livro didático, texto incompleto e inédito que circulou apenas como apostila entre Estudantes da UFPB / João Pessoa.

A Antropologia no Brasil consta de:

- 1) Uma introdução Brasileira à Antropologia;
- 2) Antropologia Indígena;
- 3) Antropologia Afro-Brasileira;
- 4) Antropologia da Sociedade Rural Brasileira;
- 5) Antropologia Urbana;
- 6) Antropologia das Minorias Estrangeiras;
- 7) Antropologia da Sociedade Nacional.

Antropologia Crítica da Cultura e da Sociedade dominante, funda no Brasil, junto à Teoria Crítica da Educação, uma nova e Outra maneira de ensinar e de apreender: EAD sendo, ao mesmo tempo, uma disciplina do curriculum dos cursos e um dos pilares do próprio contexto institucional do Conhecimento como consequência da LDB em 1996.

A Universidade Federal de Mato Grosso se constitui como referência neste processo, sendo 7 anos de experiências e tendo produzido um “hipertexto” de Antropologia que é paradigmático. Quem produziu o material é a antropóloga **Maria**

de Lourdes Bandeira (autora de "Território Negro em espaço Branco"). O texto se compõe das seguintes unidades:

- 1) **A Produção da Cultura;**
- 2) **A Produção da Cultura Brasileira;**
- 3) **Os Reflexos Ideológicos da Cultura Brasileira na Sala-de-aula.**

Igualmente paradigmático, isto é, de um novo e *outro* (de alteridade), paradigma para a Antropologia Brasileira o texto: "CULTURAS NEGADAS E SILENCIADAS NO CURRÍCULO", isto é, a denúncia por JURGO TORRES SANTOMÉ, do monolitismo do "Pensamento único", tornando-se uma **necessidade emergencial a transformação do currículo** para que *"a Educação obrigatória recupere uma de suas razões de ser: a de ser um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir e analisar criticamente o legado Cultural da sociedade"*. TOMAS TADEU DA SILVA é quem organiza o livro "Alienígenas na Sala de Aula / Uma Introdução Aos Estudos Culturais Em Educação" - A Pedagogia representa um modo de produção Cultural implicado na forma como o Poder e o Significado são utilizados na construção e na organização de Conhecimento, desejos, valores. A Pedagogia, neste sentido, não está reduzida ao domínio de habilidades e técnicas. Ela é definida como uma Prática Cultural que deve ser responsabilizada Ética e politicamente pelas histórias que produz, pelas asserções que faz sobre imagens do futuro que considera legítimas...

MARIA LÚCIA CAVALLI NEDER, educadora da Universidade Federal do Mato Grosso e Professora no 1º. Curso de especialização para Professores em EAD em Curitiba coloca a necessidade emergencial de **"descolonizar o currículo"**: isto é, que o currículo refletisse também as visões e representações alternativas dos grupos subordinados. Nesse sentido, SILVA argumenta que não é só na produção de novos materiais e novos textos que se consegue esta **descolonização**. Ela se daria principalmente pelas experiências presentes dos Alunos que podem servir de base para a discussão e a produção de um novo Conhecimento. Os materiais existentes devem se constituir matéria-prima a partir do qual os Significados, as visões e as representações dominantes podem ser contestados, desafiados e

resistidos. Segundo MARIA LÚCIA CAVALLI NEDER o currículo não molda inexoravelmente o Estudante: “possui também um Poder calcado em suas próprias formas Culturais, é possível pensar o currículo como um conjunto de Significados que podem ser trabalhados na perspectiva de desafio às relações de dominação e exploração da Sociedade”.

É imprescindível questionar, acompanhando **Apple Michael W. in “Educação e Poder”, “Currículo e Poder” e “Repensando Ideologia e Currículo” in Silva, Tomaz Tadeu e Moreira, Antônio Flávio (org.) Currículo, Cultura e Sociedade.**

Questionar os dois aspectos do currículo - o conteúdo e a forma.

MARIA LÚCIA CAVALLI NEDER:

Tente responder através de reflexão:

- 1) Qual é esse conteúdo? E o que não faz parte deste conteúdo?
- 2) Ao nível das primeiras séries do Ensino Fundamental, Onde você é o Professor.
- 3) Ao nível de Licenciatura em Pedagogia, Onde você é o Aluno.
- 4) Como conteúdo e forma são reunidos ?
- 5) O que ocorre no nível da própria organização do Conhecimento?
- 6) Que conteúdo é trabalhado no curso de Licenciatura em Pedagogia através de EAD?
- 7) Como esse conteúdo é organizado?
- 8) É possível perceber a perspectiva de um novo Conhecimento que é produzido a partir da Pluralidade das Diferenças ?
- 9) Um Conhecimento libertado do monopólio monolítico de uma Cultura normativa-erudicionante?
- 10) Um Conhecimento que valoriza a Alteridade, o olhar do Outro, a Diversidade na elaboração científica do Conhecimento?
- 11) Um Conhecimento em que as experiências dos Alunos sejam tomadas em consideração e possibilitem novas reflexões a partir de suas Diversidades.

- 12) Um Conhecimento Onde “Outras” experiências, Diferentes do Professor, sejam discutidas na interlocução à luz de materiais que lhes possibilitem uma visão Crítica dos conteúdos enfrentados pela Prática escolar e produzir novos textos e outras teorias referentes aos fatos da realidade, *Diferentes das teorias dominantes* ?
- 13) O material distribuído para a Licenciatura em Pedagogia estimula o Aluno a colocar-se como Sujeito do processo de produção e construção do Conhecimento?
- 14) Dá para perceber a importância dos grupos envolvidos no processo educacional: Professores, Alunos, Funcionários e pais, como interativos na produção do Conhecimento e da Identidade social ? ... pluri-étnica ? ... e pluri-cultural ?
- 15) Então é preciso pensar o currículo envolvido com o processo Cultural e Político ?
- 16) Leitura: Antonio Gramsci – Os Intelectuais e a Organização da Cultura.

Segundo SILVA TOMAS TADEU: “O Significado e as representações dominantes só Poderão ser subvertidos e contestados se tivermos uma concepção histórica e social sobre a forma como eles são produzidos”.

Enfim, acompanhando novamente APPLE, que busca desvendar as realidades do Poder e do conflito que fornecem as condições para a existência de qualquer currículo:

MARIA LÚCIA CAVALLI NEDER:

- 1) Quem é o “nós” que decide que uma reunião particular de Conhecimento é apropriado?
- 2) Que conjuntos de suposições sociais e ideológicas definem o Conhecimento de alguns grupos como legítimo, enquanto o Conhecimento de Outros não é nunca aprovado ou transmitido oficialmente?

3) Por exemplo: Porque Florestan Fernandes foi “aposentado” compulsoriamente ?

Como produção social e Cultural, continua APPLE, o currículo não pode ser entendido de forma positivista, deve ser percebido no seu contexto e como tendo adquirido Significado a partir das conexões que ele tem com as complexas configurações de dominação - subordinação, na nação como um todo, em cada região ou em cada Escola de Pensamento, instituição e até mesmo individualmente.

Segundo APPLE, tanto conteúdo como forma são construções ideológicas. SILVA, na mesma direção de Apple: “O currículo é um terreno de produção e de política Cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de Criação e sobretudo de Contestação, desejando como direção e re-orientação do eixo-direcional da Educação, uma multiplicação dos Significados, em vez de se fechar nos Significados recebidos e dominantes, **questionando o contexto e a codificação hegemônica do Conhecimento**, pois segundo os Educadores LUCIA HELENA VENDRUSCOLO POSSARI da Universidade Federal do Mato Grosso, a “norma-padrão” da Ciência é, relativizando apenas a “norma-padrão” das elites e precisa libertar o Conhecimento do monopólio dos intelectuais ao serviço do bloco hegemônico das classes que estão no Poder através do Conhecimento da Ciência implícita às Culturas Populares, libertando enfim a Educação (acompanhando SILVA) para a insurreição e para a transgressão de fronteiras.

ANTÔNIO GRAMSCI IN “OS INTELECTUAIS E A ORGANIZAÇÃO DA Cultura” retrata e rebalta a questão do Conhecimento através do “L’ INTELLETTUALE ROVESCITO” (o Pensamento pelas avessas). Ele é o PAULO FREIRE Italiano e ANTÔNIO GRAMSCI é o **Paulo Freire Brasileiro**. Fundamentam **Linhas de pesquisa e Bibliografia de vanguarda do Setor de Educação da UFPR** - ANTONIO GRAMSCI e a Escola de Frankfurt antecedem a Antropologia na reflexão sobre “Cultura” e se constituem como **fundamentos teórico-epistemológicos da Crítica da Cultura e da Sociedade dominantes**.

Na sua INTRODUÇÃO Brasileira À ANTHROPOLOGIA, O ANTHROPOLOGO FRANS MOONEN coloca que **Florestan Fernandes** desde sempre tem uma reflexão Crítica sobre as Ciências Sociais (Anthropologia e Sociologia) no Brasil. No Brasil, o Ensino da Anthropologia teve seu maior impulso em São Paulo, a partir da década de 30, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e na Escola de Sociologia e Política que, durante muitos anos, contaram com a presença de Professores estrangeiros, como ALFRED RADCLIFFE BROWN (1942-44), CLAUDE LÉVI-STRAUSS (1935-37), ROGER BASTIDE (1938-54) E DONALD PIERSON (1939-55) entre Outros.

CLAUDE LÉVI-STRAUSS no seu livro "TRISTES TRÓPICOS" informa até sobre o ambiente intelectual nos anos 30 em São Paulo "nossos Estudantes tinham uma Verdadeira fome intelectual, mas qualquer que fosse o assunto, **só as teorias mais recentes mereciam o seu interesse** ... e sempre tinham entusiasmo por pratos novos, idéias e doutrinas como tais não tinham para eles qualquer valor em si, eram antes um meio para dar prestígio àquele que primeiro se apropriasse delas. **Por isso existia uma luta feroz entre os concorrentes para ficar proprietário exclusivo do último modelo no campo das idéias** (...) ... cuja obra tinha mais prestígio na medida em que menos conhecida porque justamente este fato justificava a esperança que nenhum Outro ainda tivesse feito uso da mesma. Segundo o antropólogo FRANS MOONEN: "parece que desde então, pouca coisa mudou. Até o próprio **Claude Lévi-Strauss** foi depois durante muito tempo moda no meio científico Brasileiro que adorava, mas nem sempre entendia suas idéias estruturalistas. No início os antropólogos estudavam os Povos ditos "primitivos" ou "selvagens". Na África estudavam os "Nativos". A CRÍTICA DA ANTHROPOLOGIA DO GERARD LECLERC é uma Crítica da História do Africanismo (excelente leitura, também o Poder AFRICANO DE JEAN ZIEGLER). Na Austrália estudavam os "Aborígenes". De profunda sabedoria e beleza Ética a Anthropologia pelas avessas de "O PAPALAGUI/ COMENTÁRIOS DE TUAVI, chefe da tribo Tiavea, nos mares do sul. Imprescindível também ONDE VIVEM AS LENDAS DE LYALL WATSON acerca de Nus Tarián a Ilha da Dança, um arquipélago da Micronésia. Nas Américas estudavam os "Índios" excelentes leituras da "visão dos vencidos", de JOSEFINA OLIVA DE COLL " **A Resistência Indígena / do México à Patagônia, a História**

da luta de “Índios” contra os conquistadores, de Miguel Leon Portilla, “A conquista da América Latina vista pelos “Índios” / relatos Astecas, Maias e Incas de Ariosvaldo Figueiredo: “Enforcados” - a História do Índio no Sergipe, de Edilson Martins: “nossos “Índios”, nossos mortos”, de Claude Lévi-Strauss: o Pensamento Selvagem, de Gambini Roberto, o espelho Índio, de Vittorio Lanternari: “As religiões dos oprimidos, de Enrique Oltra, “Paideia pré-colombiana - Ideais Pedagógicos de Astecas, Maias e Incas, de Pierre Clastre: A Sociedade Contra o Estado e “Arqueologia de violência, de Helena Clastre, “O Profetismo Tupi-Guarani”, da coleção História popular por Berta Ribeiro, “O Índio na História do Brasil” e da coleção Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira – O Índio na Cultura Brasileira, por Shelton H. Davis: “Vítimas do milagre / o desenvolvimento e os “Índios” do Brasil, por Luiz Luna: “A Resistência do Índio à dominação do Brasil”.

Segundo o Antropólogo FRAN MOONEN: “A partir da década de 30 amplia-se o campo de estudo da Antropologia, que passa a estudar também a Sociedade rural, por volta de 1960 a Antropologia já dispões de muitas monografias tribais e camponesas. Hoje predominam as pesquisas orientadas por teorias Étnicas (Indígenas, Afro-Brasileiras, Ciganas), Camponeses, operários urbanos, Pobreza e Marginalidade, Conflitos Raciais, violência e tantos Outros assuntos específicos. HOJE EM DIA OS ANTROPÓLOGOS RECONHECEM QUE A OBJETIVIDADE CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS É IMPOSSÍVEL. A pesquisa antropológica só pode ser uma pesquisa subjetiva e os resultados serão altamente influenciados pela Ideologia e pela personalidade do pesquisador. Um conhecido antropólogo chegou a afirmar que qualquer monografia antropológica ensina mais sobre o pesquisador do que sobre a comunidade pesquisada.

Além disto, existem relações entre a Ciência e o Poder: de OCTAVIO IANNI na SBPC de 1977, o artigo sobre o protegido, o tolerado e o proibido: 3 tipos de cientistas brasileiros... mostra que em 2000... nada mudou e que o conhecimento aprisionado institucionalmente se perde em futilidades...

3. O PROTEGIDO, O TOLERADO E O PROIBIDO: TRES TIPOS DE CIENTISTAS BRASILEIROS

Ao dividir e subdividir a liberdade de pensamento em função dos interesses políticos e econômicos muito particulares, os governantes acabam por amaranhar-se numa atmosfera de fantasia. (OCTAVIO IANNI)

A política cultural vigente no **Brasil em 1977** divide os intelectuais, as organizações nas quais eles trabalham, e principalmente a sua produção, em três categorias principais. Primeiro, há a produção intelectual que é valorizada, incentivada protegida e oficializada. Segundo, há a produção intelectual que é consentida ou tolerada. Terceiro, há produção intelectual que é censurada ou proibida. É óbvio **que essas três classes de produções envolvem três classes de organizações de ensino e pesquisa, da mesma forma que compreende três classes de intelectuais.**

É inegável que essa política cultural afeta cada categoria de modo diverso. São bem distintas as condições materiais e espirituais de produção para cada uma delas. Entretanto, é muito provável que esse tipo de política afete também o conjunto; talvez toda produção intelectual brasileira, científica e artística, esteja sofrendo as consequências da subdivisão mencionada. É ilusório pensar que a liberdade de pensamento pode ser distribuída em partes desiguais; ou que a liberdade de pensamento-ensinar, pesquisar, debater . possa existir à parte da liberdade política.

A política cultural dos governos brasileiros dos anos 1964-77 tem prejudicado, em escala crescente, a produção intelectual do país. Professores, pesquisadores, artistas e jornalistas têm visto o seu trabalho **bloqueado ou distorcido** pelas pressões e proibições provenientes do poder estatal. As três categorias mencionadas sofrem distorções notáveis.

A **censura** não é uma prática de política cultural que atinge apenas as

publicações e os espetáculos. Ela **atinge o próprio processo de criação intelectual**, tanto na ciência como na arte, **na sala de aula** como no laboratório, no teatro como no jornal. Ao proibir-se uma peça de teatro, **ao aprender-se um livro**, ao afastar-se um pesquisador do seu ambiente de trabalho, ao tornar-se suspeita a bibliografia que o professor precisa usar em suas aulas, ao vetar-se a realização de uma reunião científica, o que se está fazendo é, ao mesmo tempo, introduzir no espírito do intelectual e do público a autocensura, a insegurança, o medo. Uns **preferem emigrar do país**. Outros confinam-se dentro de si mesmos. Mesmo quando continuam a produzir – e são muitos os que decidem continuar a produzir em condições adversas – mesmo nesses casos, a criação científica ou artística se faz sob pressão extraintelectual; ou simplesmente policial.

Mas é ilusório pensar que esse elemento da **política cultural** afeta apenas os que não concordam com a ciência e a arte oficiais, úteis aos donos do poder. Essa política cultural afeta também os intelectuais que são tolerados, consentidos; e inclusive os que são protegidos ou oficializados. Os tolerados naturalmente têm consciência de que os seus trabalhos são permitidos somente enquanto se refugiam numa linguagem metafórica; ou enquanto abordam **problemas “irrelevantes”**, segundo os donos do poder.

A censura atinge o processo de criação intelectual, tanto na ciência como na arte, na sala de aula como no laboratório, no teatro como no jornal.

E os intelectuais protegidos ou oficializados, por fim, também padecem os efeitos da censura. A sua criação científica ou artística se torna artificial, instrumental, acessível e fácil aos ouvidos e aos interesses dos governantes. Sim, porque também os intelectuais orgânicos do poder estatal têm no seu horizonte de trabalho a idéia de que é proibido e tolerado, ao lado da idéia do que é valorizado, sempre na perspectiva da política de cultura do governo.

É por isso que o intelectual que se acha ligado ao aparelho estatal – por dentro

ou por fora dele – tende a **produzir principalmente a ideologia dos governantes**, em vez de produzir a ciência que descortinaria as tendências reais das situações, problemas ou crises. Em última instância, o intelectual orgânico do aparelho estatal é duplamente vítima da política cultural dos governantes. Primeiro, ele tem sempre o receio de cair em pecado, **receio de pensar as condições de mudança** antes do que as condições de cristalização ou congelamento do **status quo**. Segundo, esse receio o leva a produzir principalmente ideologia, antes do que a ciência. Para servir aos donos do poder, ele constrói principalmente ficções, discursos ideológicos, diagnósticos parciais, soluções de circunstância.

Ao dividir e subdividir **a liberdade de pensamento .de ensino, pesquisa e debate** – em função de interesses políticos e econômicos muito particulares, os governantes acabam por emaranhar-se numa atmosfera de fantasia, ou de construções simplesmente ideológicas. Ao exercer o poder por sobre a sociedade, ao menos por sobre a maior parte da sociedade, o aparelho estatal acaba por isolar-se numa falsa ciência; e na arte feita da transformação da história e folclore.

- "Porque temos que continuar como jardins zoológicos para antropólogos? Porque as tribos têm de competir com os cientistas para a obtenção de recursos **quando as produções científicas são tão Inúteis e Irrelevantes para a Vida real?** Recomendo uma política a ser adotada pelas tribos Indígenas. **Cada antropólogo que deseja estudar uma tribo, deve pedir licença de pesquisa ao conselho Tribal.** Esta licença só será dada se ele contribuir para o orçamento tribal com uma quantia igual à que se propõe gastar em suas pesquisas. Assim, os antropólogos se tornariam membros produtivos da **Sociedade indígena** em vez de abutres ideológicos".

Talvez fosse um bom conselho também para **os "Índios" brasileiros, porque o que DELORIA afirma não é muito distante da realidade Brasileira.** Num livro de conhecido indiólogo brasileiro, este cita nada menos do que dez instituições nacionais e estrangeiras que financiaram sua pesquisa, que resultou numa tese de douramento sobre duas aldeias Indígenas com um total de cerca de 250 pessoas. Quantos cruzeiros e quantos dólares foram por ele ganhos, e quantos foram gastos em benefício destas comunidades, tão intensamente exploradas cientificamente?

Também DARCY RIBEIRO, talvez pensando no antropólogo acima citado, não esconde suas críticas aos antropólogos brasileiros:

"A antropologia Brasileira não é nada do que possamos nos orgulhar (...). Temos antropólogo que é inimigo do Índio, temos antropólogo que é indiferente ao Índio, ou antropólogo o que é muito freqüente, que está interessado em aprender do Índio. Ele vai lá, tira do Índio o que é necessário para fazer suas "tesezinhas" doutorais, para fazer sua carreira universitária, mas que não quer saber do Índio, senão para manipulá-lo em favor próprio. E muitos deles nunca chegam mesmo a atender, porque já vão para a aldeia, apenas para ilustrar uma "tesesinha" do Professor estrangeiro para obter o doutorado, e permanece sempre um alienado (...). **Estes não prestam para nada, nem para a Cultura Brasileira, nem para os "Índios"**".

Portanto, um diploma de mestre ou doutor não transforma automaticamente o seu portador num defensor dos direitos e dos interesses das Minorias Étnicas. Não é o título acadêmico, mas a Ideologia e a personalidade do antropólogo que o transforma, ou não, num defensor das Minorias Étnicas e Sociais.

Ainda são muito raros os casos em que a indíologia tem sido útil a longo prazo. Um dos poucos casos conhecidos é o dos **Wampanoag**, nos Estados Unidos, que tinham esquecido suas tradições tribais. Em certo momento começou um movimento **Contra-Culturativo**, um movimento para voltar ao passado tribal, e eles passaram a estudar os livros antropológicos e Históricos sobre seu Povo. Muitas lendas e tradições já esquecidas foram novamente incorporados à sua Cultura. inclusive começaram a ensinar sua língua, esquecida há setenta anos.

Que neste caso, os estudos antropológicos tiveram utilidade Prática, foi um simples acidente porque nenhum deles foi realizado com o propósito de ser útil aos "Índios". E aqui está justamente a diferença com o indigenista, o antropólogo que trabalha propositalmente para o bem-estar do Índio. Ou, pelo menos pensa estar beneficiando o Índio. Veremos que a realidade às vezes é bem mais complexa.

P.S.: Apesar disto, encontramos textos de Antropologia e de Antropologia Brasileira que são excelentes, ainda que raros, entre os quais, textos escritos pelos próprios Diferentes... ; rebaltando a questão de objetivo para o Sujeito do Conhecimento e auto-determinação de sua própria história.

5. AS ORIGENS DA CULTURA BRASILEIRA / O PAÍS SOBRE UM CEMITÉRIO

Direitos, Terra e Violência

“O Brasil está se construindo em cima de um cemitério”. (AILTON KRENAK)

“Eu só peço a deus que a dor... a violência... a morte... a injustiça não me sejam indiferentes... é um monstro grande e pisa forte, toda a pobre inocência desta gente”. (MERCEDES SOSA)

EM CONTRAPOSIÇÃO À PROPAGANDA

ENGANOSA DOS “DISCURSOS”

“Esconder, desse jeito, o Brasil do povo brasileiro é uma coisa muito ruim, porque é também impedir o povo brasileiro de tomar conta dele mesmo. Se você não sua casa, pode deixar uma parte dela abandonada. Com isso, ela vai quebrando, caindo... porque você não a conhece, não cuida dela. E o povo brasileiro tem cuidado muito pouco da casa em que mora. Fica sentado na varanda, tomando conta da rua; enquanto isso, o quintal e a casa dele são roubados, mexidos, envenenados. Mas ele está muito seguro de si, sentado na varanda”. (AILTON KRENAK, Índio: ontem, hoje e amanhã)

Grande parte da população brasileira é vítima de uma mentalidade conformista ou transferidora de responsabilidade. Isso tem acontecido ao longo desses 500 anos de história. A população sempre considerou que a tarefa da transformação é dos outros.

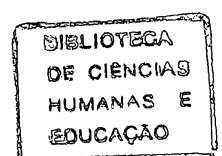
6. POVOS INDÍGENAS: SUJEITOS DO CONHECIMENTO E DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA:

Durante a década de 80, com o processo da abertura política, muitas organizações indígenas foram sendo criadas para fazer frente à violência contra os povos. Era preciso refletir sobre os direitos que os índios tinham, seja perante a lei ou perante a história. Eram reflexões que já previam o debate sobre o paternalismo da política oficial e a autonomia dos povos para dirigir a própria história sem atrelamento ao governo. Nessa época foi criada a UNI - União das Nações Indígenas. Foi a primeira tentativa de organizar nacionalmente os diversos povos indígenas. Durante muitos anos, essa entidade foi a principal defensora dos direitos indígenas, enfrentando o descaso das autoridades e propondo soluções. Teve sua luta reconhecida mundialmente e seus principais agraciados com prêmios por entidades internacionais.

Num relatório sobre a violência contra os povos indígenas, realizado em 1993, há dados impressionantes sobre as formas variadas de métodos utilizados para amedrontar as comunidades que teimam em sobreviver: assassinatos, tentativas de homicídios, ameaças de morte, prisões ilegais, lesões corporais, estupros e escravidão são alguns desses métodos. Denúncias existiam, mas o governo continuou surdo aos *apelos dos povos*. Essas formas de violências eram decorrentes do interesse que os empresários tinham nas terras dos índios para a exploração da madeira ou extração de ouro.

Na década de 90 muito pouco foi modificado. A FUNAI continuou sendo o mesmo órgão inútil para os índios e o governo permaneceu surdo aos apelos de regularização das terras indígenas que já deveriam ter sido demarcadas, de acordo com a *Constituição Federal* promulgada em 1988. O *lobby* dos poderosos não permitiu que a lei fosse cumprida, e a sociedade brasileira ficou indiferente a isso mais uma vez.

“[...] Esse pensamento é um pensamento que guardo no meu espírito, não para criticar, não para ofender o povo brasileiro. Se isso fosse uma história do



passado, eu não teria prazer nenhum em ficar contando para entristecer as pessoas; mas ela é uma história do presente, e eu vejo com indignação e com vergonha, porque não adianta nada nós fazermos trezentas conferências pelo Brasil todo, se você que ouve continuar achando que não tem nada haver com isso [...] achar que os índios se salvam, e nós brasileiros, vamos salvar nosso emprego, a nossa rua, o nosso quarteirão, o nosso bairro.

Essa omissão me assusta muito, porque é a situação de quem mora na varanda e não presta atenção na sua casa. Vocês só vão prestar atenção na casa no dia em que ela estiver queimando, pegando fogo e só tiver sobrado cinzas. A nossa casa é a mesma de vocês. O rio que é importante para o meu povo é o mesmo rio que vai dar água para o seu filho e para o seu neto”.

Ailton Krenak

Por que é importante pensarmos no Brasil a partir das dificuldades pelas quais passam os povos indígenas ?

Já dissemos anteriormente que não é possível negar a contribuição que os povos indígenas deram para a formação do povo brasileiro. Negar essa contribuição é negar uma história que vem sendo esquecida propositadamente há muitos séculos. Pelo que pudemos conversar, observamos que os povos indígenas trazem a marca do amor pela terra. O índio e a terra são marcas registradas do Brasil. Sem os índios, o Brasil fica mais pobre. Acabam-se os referenciais da ancestralidade. É preciso acabar o distanciamento que existe entre o povo brasileiro e os povos indígenas. O índio é brasileiro, o brasileiro é também índio. Deve-se criar uma parceria que acabe com o descaso das autoridades e com a ignorância que grassa na sociedade.

A sociedade indígena é um contraponto importante para a compreensão do Brasil como nação, como povo. É um contraponto ao tipo de poder que o país cria para si, um poder centralizado em uma única pessoas que se acha capaz de decidir sobre todos os outros.

Os educadores têm grande participação na formação da consciência das crianças e dos jovens e precisam usar essa sua influência a favor da vida, da paz no campo e na cidade, da harmonia entre os povos. Eles não podem se furtar, ficar indiferentes a tudo. Ao contrário, devem ser os primeiros a se indignarem e fazer seus educandos protestar, exercer seus direitos de cidadãos.

Já faz alguns anos que o **pataxó Galdino** foi queimado vivo, em Brasília, por jovens da classe média. No momento em que soube do fato, o notável **Paulo Freire** sentiu-se mal e veio a falecer. Os amigos dizem que ele não conseguiu segurar o coração já tão fragilizado diante da barbárie que o país presenciou.

Acho que ele morreu da tristeza ao notar que quem matou **Galdino** não foram os jovens, mas a própria sociedade representada pela **escola**. Ele, um educador que devotou sua vida para elevar o saber a todos, foi traído pela ignorância, o desrespeito, a falta de valor na vida. Talvez tenha entrado em estado de choque ao ouvir que pensavam não se tratar de um índio e sim de um mendigo qualquer. Acho que todo **educador** teria que se sentir um pouco culpado. Não um culpado a ser condenado, mas um culpado a refletir sobre o valor que se dá à vida.

Deve-se condená-los ? Absolvê-los Encarcerá-los ? Talvez não. **Ele são fruto de uma sociedade que despreza a vida , despreza diferente, despreza o outro**. Se fosse julgá-los, aplicaria a mesma pena do terapeuta Alberto Lima:

“Se me fosse dada a tarefa de julgá-los, acho que eu os condenaria a ser críticos, responsáveis, sensatos, sensíveis. Eu os condenaria a ter misericórdia e consideração pelos seus semelhantes. Procuraria inscrevê-los em um curso de jardinagem, agricultura e ecologia, outro de história e de antropologia, outro ainda de balé, e um quarto de tricô. Com a jardinagem, a agricultura e a ecologia, eu os condenaria a dedicar-se à causa dos índios à preservação, ao respeitoso aprimoramento e à divulgação da cultura indígena, sua arte, sua medicina. Com o curso de história e antropologia, eles poderiam se conscientizar do percurso da evolução humana, compreendendo-a e, quem sabe, podendo contribuir para sua evolução. Caso se tornassem professores, poderiam promover em seus alunos a consciência crítica que um dia lhes faltou. Com o curso de balé, eu os condenaria a

conhecer e a desenvolver a harmonia dos movimentos e a colocar seus gestos a serviço da beleza, da cultura e da humanidade. Com o curso de tricô, certamente eles aprenderiam sobre a imensa importância de cada parte para a composição de um todo coeso, íntegro e harmonioso. E poderiam agasalhar os necessitados”. (ALBERTO LIMA, Brincadeiras Selvagens: problema nosso.)

“O povo indígena sempre achou que é responsabilidade nossa proteger a terra e tudo que tem nela. Nós achamos que somos responsáveis pelas coisas que acontecem. É por isso que somos assim. **É um entendimento comum a todos os povos indígenas do mundo. Nós sabemos que quando precisarmos de apoio e da solidariedade desses povos, eles vão estar junto com a gente.** Seria muito bom que vocês buscassem fazer algum tipo de amizade com o povo indígena. Existe uma vala entre o povo indígena e o povo da cidade, que possibilita essa ignorância do povo da cidade sobre o povo indígena, que resulta em violência, dizimação. Se nós diminuirmos essa distância, vocês vão ver o quanto é importante manter as regiões indígenas preservadas, porque esses lugares serão um acervo muito grande de vida para os seus filhos, para vocês mesmos. Vocês nem precisam se preocupar com as futuras gerações. Preocupem-se com vocês mesmos”. (AILTON KRENAT)

“O branco não sabe o que é a natureza, o que é o rio, o que são as árvores, o que é a montanha, o que é o mar... Em vez d você respeitar, destrói, corta pedaço, joga coisas, polui o mar, os rios. Você vai me dizer: o índio está falando mas é selvagem; selvagem é você, milhões de anos estudando e nunca aprendeu a ser civilizado. Pra que você está estudando ? Para destruir a natureza e no fim destruir a própria vida ?” (JOSÉ LUIZ XAVANTE)

INDIGENISMO

O indigenismo antropológico, ou indigenismo científico, data já do início do século, mas só alcançou sua forma madura em 1940, quando foi fundado o Instituto Indigenista Interamericano, que daria origem aos Institutos Indigenistas Nacionais, entre Outros na Guatemala - 1945, Peru – 1947, México – 1948, Panamá – 1958. No Brasil já existia desde 1910 o Serviço de Proteção aos “Índios”.

A Antropologia é Aplicada no contexto do Ensino - Aprendizagem EAD como Antropologia Crítica da Cultura e da Sociedade dominantes e fundamento do Projeto Pedagógico junto à Teoria Crítica da Educação e como Crítica do etnocentrismo e de qualquer situação de dominação de uma Cultura sobre outra.

Na ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA JEAN MARIE AUZIAS explicita a necessidade da ANTROPOLOGIA SER AUTÓCTONE E INTERIOR, de se libertar da Cultura da dependência ou de se recusar de ser apenas uma “câmara de decantação” de teorias e métodos e idéias antropológicas provindas de Outros contextos ...

A antropóloga MARIZE PEIRANO da Universidade de Brasília, autora de “UMA ANTROPOLOGIA NO PLURAL E DE A FAVOR DA ETNOGRAFIA”, colocou em sua aula inaugural, que o Projeto da Antropologia no Brasil passa pela dimensão teórica da Antropologia como caminho nobre para a modernidade no diálogo teórico com a Cultura mundial: “não fazemos Antropologia de terceiro mundo, mas não podemos apenas copiar teorias importadas aplicando-as a dados da nossa realidade , temos uma proposta mais ambiciosa, questionar, criar problemas novos, uma eterna construção”.

Naquele dia, outra antropóloga da platéia comentou que **“A TRAJETÓRIA DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL É TODA PERMEADA PELAS DESIGUALDADES SOCIAIS” – ANTROPÓLOGA MARÍLIA KRAMER.** Por outro lado, o teorismo do Projeto da Antropologia no Brasil, apesar de ter sido apresentado como uma qualidade que equivale a produção antropológica Brasileira com a produção antropológica de “1º. mundo”, contém em si o defeito intrínseco da própria Antropologia Central que aspira alcançar, isto é, o colonialismo interno ao próprio discurso antropológico que faz do “Outro” um objeto colônia o Diferente e não deixa o outro ser...e também preconceitos viscerais, pois não existem um 1º e um 3º mundo, e centro e periferia participam de maneira desigual da mesma História da expansão do sistema Capitalista.

Os PHD do discurso jamais aplicam a teoria e nem mesmo na sala-de-aula, onde os Diferentes também são negados e silenciados através do projeto político-pedagógico das elites e de sua codificação cultural, hegemônica e os Diferentes são discriminados por toda parte, freqüentemente tornando a Antropologia apenas um “discurso”..., de propaganda ideológica e enganosa. A Escola de futilidades da Antropologia central dominantes no Brasil e que recopia as teorias da “hora” norte-americanas, notoriamente o eixo do poder mundial global, passa pelos “códigos alimentares das linguagens do alimento... num momento histórico que põe em relevância novamente o livro de Josué de castro: “A Geografia da fome”. Não sé por ser o cinqüentenário da 1^o edição, mas por causa da **Atualidade do Tema**.

Intelectuais tolerados e protegidos são convenientes com o “Establichment”... dentro e fora da Universidade.

De fato, é emergencial questionar e se rebelar ao Pensamento único ou ideológico da Sociedade industrial, v. HERBERT MARCUSE DA ESCOLA DE FRANKFURT - “UNIDIMENSIONAL MAN”: urge expressar a própria Liberdade de Pensamento.

O antropólogo JOSÉ DE CARVALHO da Universidade de Brasília questiona o “Pensamento único” - da frente monolítica da globalização no artigo, publicado pela REVISTA CAROS AMIGOS: UM MUNDO DE GRADES/ “A TRADIÇÃO DOS OPRIMIDOS NOS ENSINA QUE O Estado DE EXCEÇÃO EM QUE VIVEMOS É , NA REALIDADE, A REGRA GERAL” - WALTER BENJAMIN DA ESCOLA DE FRANKFURT.

MARILENA CHAUI, Filósofa da USP, também QUESTIONA O AUTORITARISMO DAS ELITES e resgata a Ciência contida nas Culturas Populares e as categorias Populares do Conhecimento como: “NOSSA ESCOLA É O MUNDO e o OLHAR: JANELA DA ALMA, ESPELHO DO MUNDO (V. A Cultura DO POVO JUNTO A OCTAVIO IANNI E V. “O OLHAR” PELA COMPANHIA DAS LETRAS DO RIO DE JANEIRO).

A imposição de uma Cultura oficial dominante escamoteia a questão das classes Sociais, questionando esta imposição ideológica, encontraremos

a multiplicidade das Culturas. A fragmentação institucional da Universidade, é o resultado institucional de uma visão analítica do real ao serviço do Poder, do todo às partes.

A fragmentação do Conhecimento chegou à sua pulverização, bastando ser construído segundo o CÓDIGO da “norma-padrão” da elite que detém o monopólio do “saber certificável”, separado até mesmo da “ Verdade”, mas obedecendo as regras formais de construção...

A hierarquização do Conhecimento encontra o seu ápice no monopólio do “saber certificável” e na leitura dirigida de texto que torna o Professor universitário, o equivalente de um fundamentalista da Bíblia, violando a inteligência do Aluno, brutalmente tornando em objeto, segundo **PAULO FREIRE EM PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**, por um colonialismo interno que atravessa a Universidade, por ter sido fundada pelas elites (a UFPR, pela elite agro-exportadora da erva-mate) com seu alcance e com seus limites que aprisionam o Conhecimento nas amarras institucionais, fazendo com que não seja alcançado nem sequer um ambiente acadêmico nem o tão decantado quanto negado e silenciado espírito crítico.

Reflexos Ideológicos da Cultura Brasileira na sala-de-aula através da instigante abordagem iniciada pela Escola em EAD, da Universidade Federal do Mato Grosso, fundada pela antropóloga **MARIA DE LOURDES BANDEIRA**, leva à reflexão e questiona a Prática Pedagógica da Antropologia Dominante. O mestre da Antropologia e querido e colega **CLAUDE LÉVI-STRAUSS**, certamente teria um sorriso para o caso do Estruturalismo na UFPR, Onde Professores, que se dizem Estruturalistas, evitam sistematicamente o texto da **ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL 2 : “OS COGUMELoS NA CULTURA”**.

7. “OS COGUMELOS NA CULTURA” TEXTO DA ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Trabalho de Carolina Lisbão para Antropologia da Religião.

O preconceito é um “sentimento” que praticamente nasceu com a humanidade, seja por raça, idéias ou por certas “Diferenças” inaceitáveis pelo **senso comum**. Tomando a Sociedade ocidental como exemplo, o preconceito está tão presente na nossa Cultura que acaba tornando-se uma coisa normal, Onde nem o próprio indivíduo percebe.

Para nós Antropólogos o preconceito é como uma barreira que deve ser ultrapassada, para que possamos entender as **Diversidades Culturais** sem julgá-las. Entretanto existe uma certa dificuldade, pois os “valores”, muitas vezes “falam mais alto”. Infelizmente, devido a esse problema, muitos antropólogos deixam de perceber o que existe de mais rico em suas pesquisas de campo. O estudo dos **cogumelos na Cultura** é um exemplo, muitos antropólogos deixaram de estudá-los, **pois tem enraizado em sua Cultura a micofobia**.

O estruturalista **C. Lévi-Strauss**, como grande estudioso, **percebeu a importância dos cogumelos nas diversas Culturas**, publicando um texto, no livro **Antropologia Estrutural II**, chamado “**Os Cogumelos na Cultura**”. Esse texto é publicado a partir de um estudo das pesquisas de um antropólogo “micófilo” chamado **R.G. WASSON**.

WASSON, em seus Trabalhos de campo, teve a oportunidade de reencontrar costumes vivos em certas **comunidades Indígenas**, como o emprego e o **culto aos cogumelos Soma** e gêneros variados. “O Soma, cujo suco espremido e filtrado, depois misturado com leite fresco ou talhado, era consumido pelos sacerdotes durante o ritual e principalmente pelos encarregados de encarar o deus Indra e seu cocheiro Vâyü”. (LÉVI-STRAUSS, 229).

O cogumelo Soma ou ***Amanita muscaria***, era consumido pelos Povos páleo-asiáticos da Sibéria Oriental, de forma ritual e com tanta importância que Verdadeiros **cultos** eram realizados devido a suas propriedades alucinógenas.

LÉVI-STRAUSS observa, “entre as passagens obscuras do RgVeda”, o que mais lhe chamou a atenção, uma frase do quarto verso do hino IX: “os senhores de bexiga cheia expõem o Soma com propriedades ativadas”; por sua vez WASSON “de modo mais prosaico, os homens intumescidos urinam o Soma que escorre”. Podemos perceber que na Sibéria Oriental, a urina do consumidor de amanita era altamente valorizada e até preferida, porque certos componentes químicos, existentes no **cogumelo** são filtrados pelo corpo, preservando os alcalóides-alucinógenos.

“Para nós a urina é apenas um excremento, mas WASSON vê nela um vestígio do **complexo religioso centralizado em torno da *Amanita muscaria***, no qual o consumo da urina ocupa um lugar importante”. Ele levanta mesmo a hipótese de que o complexo Poderia ter nascido da “herança das renas”, pois estes cervídeos comem as amanitas que os intoxicam também, e gostam muito da urina humana, gosto supostamente duplicado pelos **Siberianos**, teriam sido seus indicadores ao menos no que diz respeito ao consumo da urina”. (LÉVI STRAUSS, 235). É importante ressaltar que esses Povos eram desprovidos de produtos químicos manufaturados, assim eles exploravam ao máximo as propriedades das substâncias naturais, as únicas que dispunham.

Como nota de curiosidade, mas de muita importância, **a bétula e o agárico do carvalho** oferecem um meio favorável para o crescimento da amanita, estamos assim reconstituindo uma **tríade arcaica, a tríade sagrada pagã**, comum a toda Eurásia do norte, Onde **a bétula é considerada a Árvore da Vida, o agárico do carvalho o Fogo da Vida e através da amanita a iluminação divina**.

O **cogumelo** está presente em várias Culturas com Diferentes “funções”. Uma dessas funções é a de cura entre os “Índios” **Mazateca**, também estudado por WASSON, relatado no livro “MARIA SABINA, A SÁBIA DOS COGUMELOS”.

Entre os Mazateca existe uma hierarquia, os Feiticeiros, os Curandeiros e os Sábios, Onde apenas os sábios utilizam os cogumelos na cura. MARIA SABINA é uma sábia, que teve sua primeira experiência de cura realizada em sua irmã. Foi na sua primeira Velada (ritual de consumo de cogumelo para a cura) que o “Livro da Vida”(livro que contém os cantos para a realização da cura, detalhe, o livro não é físico, é espiritual) lhe foi entregue pelos “Seres Principais”.

A crença dos “Índios” Mazateca é de que as doenças físicas são causadas por problemas no espírito, como por exemplo um espírito que levou um susto ou foi aprisionado. Para curar essas doenças, **os cogumelos** devem ser enjeridos aos pares, representando a dualidade, a parceria - o homem e a mulher. **A crença Mazateca** vai além, segundo MARIA SABINA, durante os quatro dias antes e quatro depois da Velada, é proibido qualquer tipo de ato sexual, pois sexo trás impurezas, e o castigo para quem desobedece é o apodrecimento dos órgãos genitais.

Infelizmente, das pessoas que recorriam a MARIA SABINA, algumas buscavam um contato com Deus (estrangeiros Brancos-Hippes) e não a cura, segundo a Sábia isso acabou escandalizando e desrespeitando a tradição da Velada.

MARIA SABINA diz: “desde o momento em que os estrangeiros chegaram, para procurar Deus, os meninos santos ¹ perderam a pureza, se estragaram, de agora em diante, não servirão mais. Não tem mais remédio”. (MARIA SABINA, 111).

¹ É como Maria Sabina se refere aos cogumelos.

8. CONCLUSÃO

Junto à carta aos alunos de Carmen Nicolussi e a Carta aos Doutores de José Maria Arguedas: existe a possibilidade ética da Universidade da Ruptura.

Em anexo :

- Carta aos alunos de Carmen Nicolussi;
- Carta ao Doutores de José Maria Arguedas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

APPLE, Michael W.. **Educação e Poder**. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Ed Artes Medicas, Porto Alegre: 1989.

APPLE, Michael W.. **Educação e Realidade**. Porto Alegre : ano 14, n. 2 jul-dez, 1989.

APPLE, Michael W.. Repensando Ideologia e Currículo in SILVA, Tomaz Tadeu e IANNI, Octavio – **Novo Paradigma das Ciências Sociais**. Estudos Avançados , 1994.

ARGUEDAS, José Maria. **Carta aos Doutores**. março 1996.

AUZIAS, Jean Marie. **A Antropologia Contemporânea**. Ed. Cultrex: São Paulo, s/d.

AUZIAS, Jean Marie. **Chaves do Estruturalismo**. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1971.

BANDEIRA, Maria De Lourdes. A Produção Da Cultura Brasileira/ Reflexos Ideológicos Da Cultura Brasileira Na Sala-De-Aula. Texto De **Antropologia Para Ead/U.F.M.T**.

BROWN; DEE. **Enterrem meu coração na curva do rio/ índios caotam o massacre de sua gente**. Ed. Melhoramentos: São Paulo 1970.

CARVALHO, José Jorge de. **Um Mundo De Grades : Da Claustrofobia À Agorafobia: A Tradição Dos Oprimidos Nos Ensina Que O Estado De Exceção Em Que Vivemos E Na Verdade A Regra Geral: Walter Benjamin In "Caros Amigos". Nº 39. Junho 2000**

CHAUÍ Marilena. Otávio Ianni- Cultura Do Povo E Autoritarismo Das Elites In **A Cultura Do Povo**. Ed. Cortez Moraes. São Paulo. 1979.

COLL (De) Josefina Oliva - **A resistência indígena/ Do México à Patagônia a História da luta dos "Índios" contra os conquistadores**. [S.L.]: [s.d.].

DELORIA, Vine. **Antropólogos e Outros amigos**. [S.L.]: [s.d.].

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia No Brasil**. Ed. Vozes Petrópolis 1977

FORBES, Jack D. . **Colombo e outros canibais**. Ed. Antígona: Lisboa ,1998.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Cortez, São Paulo: 1995.

GRAMASCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro:1968.

KRENAK, Ailton. **O índio : ontem hoje, amanhã.** Dossiê do 1º ciclo Edusp. : São Paulo, 1991.

KRENAK, Ailton. **Os índios vieram conhecer esse seu Brasil.** Entrevista à Voz da Unidade dos Trabalhadores.

LECLERC, Gerard. **Crítica da Antropologia.** [S.L.]: [s.d.].

LIMA, Alberto. **Brincadeiras Selvagens: Problema Nosso Oficina De Textos .** S.P. 1997

MARCUSE, Herbert - **A Ideologia Da Sociedade Industrial/ O Homem Unidimensional.** Ed. Zahar. Rio. 1979

MARCUSE, Herbert. **Contra-revolução e revolta.** Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 1973. Brasil

MOONEN, Frans. **Introdução Brasileira à Antropologia .** Projeto para livro didático / texto vendido como apostila entre estudantes na UFPB/João Pessoa.

MOONEN, Frans. **Povos Indígenas no Brasil .** Projeto para livro didático / texto vendido como apostila entre estudantes na UFPB/João Pessoa.

MOONEN, Franz- **Apostila sobre Antropologia brasileira .** Pernambuco. João Pessoa.

MUNDURUKU, Daniel - **O Banquete Dos Deuses.** Conversa Sobre A Origem Da Cultura Brasileira. Ed. Angra. São Paulo. 2000.

NEDER, Cavalli, Maria Lucia - **A Dimensão Espaço/ Tempo Na Perspectiva De Uma Transgressão De Um Projeto De Modernidade In Tópicos Especiais Em Ead. Curso De Capacitação De Tutores Em Ead - U.F.P.R. / Nead.** 1999

NEDER, Maria Lucia Cavalli. **A dimensão Espaço/Tempo na perspectiva de uma educação para transgressão de um projeto de modernidade in EAD e a ressignificação de paradigmas educacionais.** Curso de capacitação de tutores em EAD / NEAD / UFPR. Curitiba: 1999.

NICOLUSSI, Carmen. **Projetos Históricos Indígenas Na América Pré-Colombiana- e Pós-Colombiana.** In **Boletim De Psicologia E Antropologia N.º 4 .** Outubro .1976 - U.F.P.R.

PEIRANO, Mariza G.S.. **Uma Antropologia No Plural.** Editora Universidade De Brasília, Brasília: 1991.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária.** Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1982.

SABINA, Maria. **A Sábia dos Cogumelos.**[S.L.]: [s.d.].

SANTOMÉ, J.T.. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo in DA SILVA, T.T. **Alienígenas na sala-de-aula**.

SANTOMÉ, Jurjo Torres - **Sala-De Aula/ Uma Introdução Aos Estudos Culturais Na Educação** . Ed. Vozes .Petrópolis.1995.

SILVA, T.T da. **Alienígenas na sala-de-aula**. [S.L.]: [s.d.].

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia Estrutural 2**. Edições Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, s/d.

STRAUSS, Claude Lévi. **Minhas Palavras**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1991.

STRAUSS, Claude Lévi. Tre conversazioni con Claude Lévi-Strauss in **Conversazioni con Claude Lévi-Strauss**, Foucault, Lacan. Ed. Feltrinelli: Milano, 1969.

VENDRUSCOLO, Lucia Helena Possari. **Comunicação e Informação em EAD**. Curso de capacitação de tutores em EAD / NEAD / UFPR. Curitiba: 1999.

WASSON, R.G. **Os Cogumelos na Cultura**. [S.L.]: [s.d.].

XAVANTE, José Luiz. **Entrevista À “Caros Amigos”** N. 37. Abril. 2000.

CAPA (modelo NEAD)

NOME DO(S) ALUNO(S)

TITULO DO TRABALHO

Trabalho (monografia ou projeto) apresentado ao Curso de Especialização para Formação de professores em EAD, na Universidade Federal do Paraná, como exigência parcial para a obtenção do Título de Especialista em Educação a Distância.

Professor Orientador:

CURITIBA
2001

TERMO DE APROVAÇÃO (modelo NEAD)

Termo de aprovação

NOME DO(S) ALUNO(S)

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção
do Título de Especialista em Educação a Distância da
Universidade Federal.

Orientador(es):.....

Curitiba,.....de de 2001

CARTA AOS ALUNOS (Carmen Nicolussi)

QUERIDOS ALUNOS

Espero que este material didático-Pedagógico de Antropologia junto aos nossos encontros presenciais, ao acompanhamento tutorial e principalmente à sua capacidade de reflexão e de resgate de sua leitura prazerosa dos textos indicados e complementares e de tudo mais o que tenha o desejo de ler em **Antropologia individualmente e em Oficinas de Leitura Comunitária como Sujeito em sua autonomia intelectual e auto determinação da história da sua vida** que você é da busca de Conhecimento, Sujeito da Pesquisa de possíveis Seminários Temáticos e Sujeito de sua Participação Comunitária de um desenvolvimento local possível, espero que tenha despertado sua atenção para uma reflexão antropológica profunda.

Tiveram uma amostragem da antropologia que diversifica temas idéias e teorias, quebrando o monolitismo da antropologia central dominante.

Naturalmente sempre há incompletude do Sujeito... um eterno “vir-a-ser”. Professores não de ser eternos Estudantes na Universidade da Natureza e do Mundo e na história de suas Leituras.

É o começo de um longo percurso que estou feliz em ter desencadeado na riqueza da pluralidade das abordagens antropológicas possíveis à medida que sejam questionados o elitismo, o estilismo, o teoricismo, libertando o Conhecimento de sua codificação hegemônica, cumprindo finalmente com sua própria natureza de respeito às Diferenças, de descoberta, reconhecimento e encontro com o “Outro”.

Educação na época da Exclusão institucionalizada e da ditadura do pensamento... é um desafio total...

Imaginem só que Karl Guinzburg se demitiu da Universidade na Itália (!) e sendo que ele é (e seus pais são) sobreviventes do nazismo... e no Brasil, Ariosvaldo Figueiredo se demitiu... e sendo que dar aula é o que mais ama.

Mas a Universidade não é ainda um “campo de concentração”... E a EAD é esta realidade brilhante na UFPR – Universidade Crítica – Universidade Popular.

O **olhar do “Outro”** na sua Alteridade absoluta permite a emergência de um “pensamento pelas avessas” na antropologia que restitui som, voz, imagem ao que é dominado, ao que foi silenciado e negado pela dominação de uma Cultura sobre outra, a voz de uma civilização de Minorias à qual a antropologia, transformada na sua própria natureza (v. CLAUDE LÉVI-STRAUSS) esteja atenciosamente à escuta, na unidade entre intelectuais e oprimidos pois os trópicos continuam tristes...

Descolonizando a Antropologia, liberta-se o Conhecimento antropológico do “retrato do colonizado antecedido pelo retrato do colonialista” da “Cultura da dependência” do elitismo e seus vícios: o teorismo e o estilismo.

Antropologia “pelas avessas” é elaborada a partir do **“olhar” das Comunidades Indígenas**, de sua **“ciência do concreto”** (conceito de CLAUDE LÉVI-STRAUSS) em o Pensamento Selvagem da memória do que são enquanto **Culturas Nativas Autoctones** (conceito de FORBES JACK nativo da América e Professor da Universidade da Califórnia), **olhar do “Outro”** que, cada vez mais, se torna numa reflexão também sobre a Cultura da Sociedade dominante (v. AILTON KRENAK: Os “Índios” vieram conhecer esse seu Brasil a partir de suas próprias categorias do Conhecimento participando em Projetos Históricos e Antropológicos Indígenas da América pré e pós-Colombiana, junto ao resgate de suas Identidade, FRANZ FANON com o livro : “os condenados da terra” JEAN MARIE AUZIAS com: a Antropologia Contemporânea estão entre os precursores deste questionamento e de processos de descolonização que libertam o Conhecimento Antropológico da Ideologia da Cultura dominante. IVAN ILLICH no seu livro “a celebração da Consciência’ coloca a questão da Cultura e da escolarização” e de sua futilidade porque a elite elabora “cientificamente” o seu próprio pensamento enquanto classes dominantes, não percebendo além do seu próprio senso comum, dando relevância

apenas à manutenção de seus privilégios, aprisionando , em suas próprias futilidades enquanto classes dominantes que impõe sua dominação em nome de um “inofensivo amor à arte” através da imposição de suas idéias, teorias e métodos e portanto, de uma visão da realidade da qual é feita imposição à população como um todo.

Hey Yoka “Sociedade dos contrários” à qual pertencia ALCENEGRO XAMÃ dos SIOUX OGLALA... ou Sociedade dos que “foram tomados pelo raio” tem muito para nos ensinar.

Libertando a ciência do monopólio das classes dominantes e de seus representantes intelectuais à sombra do Poder, liberta-se a escala de Relevâncias da própria Ciência. Recordamos BERTOLD BRECHT: a ciência haveria de ter por finalidade aliviar a miséria da existência humana... compreendendo a miséria em todos os seus sentidos ... inclusive da Pobreza do Pensamento Único, Ideologia da Sociedade industrial ou “unidimensional man” (v. HERBERT MARCUSE , ESCOLA DE FRANKFURT) .

Antropologia Crítica da Cultura e da Sociedade dominantes libertada por uma nova visão da leitura do mundo na sua pluralidade Étnica e multiplicidade Cultural, relevante a finalidade “nobre” da antropologia tornada em sua própria natureza: de veicular a voz da maioria excluída e silenciosa e das Minorias marginalizadas, participando na libertação de todo colonialismo de toda micro-física do Poder, no laboratório de Cultura que é o próprio cotidiano, resistindo e lutando junto aos dominados na abominação das desigualdades, simultânea ao reconhecimento dos diferentes e suas Identidades da Possibilidade que finalmente passa vir a ser realizada, **Possibilidade Ética da Ruptura com estruturas desigualitárias e codificações hegemônicas, Possibilidade Ética de Autonomia Intelectual**, da descoberta, Reconhecimento e encontro com o “Outro”(v. AILTON KRENAK: “o eterno retorno do encontro”), na colaboração de Todas as Culturas (CLAUDE LÉVI-STRAUSS in Antropologia Estrutural).

Queridos alunos, para que haja Liberdade de Pensamento e de Expressão, é essencial que venham a dizer e vivenciar a sua própria palavra (v. **PAULO FREIRE: A Pedagogia do Oprimido**) e que se engajem na construção de Projetos Pedagógicos de Resistência que deixem o OUTRO SER... na sua pluralidade e multiversidade cultural e étnica. Espero escutar- ampla reflexão sobre **Antropologia**, sua **Prática Pedagógica** nas primeiras séries do **Ensino fundamental** e **séries de distinções significativas acerca de sua leitura do mundo.**

CARTA AOS DOUTORES (JOSÉ MARIA ARGUEDAS)

Carta aos Doutores de José Maria Arguedas

Dizem que já não sabemos nada, que somos o atraso, que devem mudar nossa cabeça por outra melhor.

Dizem que nosso coração tampouco convém aos tempos modernos que está cheio de temores de lagrimas como da cigarra como de um touro grande que foi degolado, por isto impertinente.

Dizem que alguns doutores afirmam isto de nós : afirmam isto de nós: doutores que se reproduzem na nossa mesma terra que aqui engordam ou se tornam amarelos. Que estejam falando, pois, que estejam do que é feita a carne do meu coração?

OS rios correm branindo na profundidade. O ouro e a noite, a noite temivel forma as rochas, as paredes dos abismos onde o rio ressoa; desta rocha estão feitos minha mente, meu coração, meus dedos. O que tem na rebanceira destes rios que já não coubesses, doutor?

Porque seu binóculo seus óculos, tem melhor microscópio. Olhe, se puderes.

Quinhentas flores diferentes crescem nas florestas dos abismos que teus olhos não alcançam, sobre a terra em que a noite e o ouro, a prata e o dia se juntam.

Estas quinhentas flores são minha carne .

Porque se deteve por um instante o sol, porque, há desaparecido, há sombra em toda parte, doutor?

Põe em movimento o teu helicóptero e sobe até aqui, se podes. As plumas dos condores, dos pequenos pássaros tem se tornado em arco-íris em seu esplendor. As cem flores da quina que semeei nos cumes das montanhas resplandecem suas cores no sol; em flores tem se tornada a negra asa do condor e dos pássaros pequenos.

E meio-dia; estou junto às montanhas sagradas; a neve eterna com lampejos prateados, com reflexos de violetas, lança sua luz no céu.

Neste frio semeio quina de cem cores, de cem tipos, do poder das flores. As cem cores são também a minha alma, meus infatigáveis olhos.

Eu, irradiando amor, tirarei do teu corpo, as pedras idiotas que te não derrubado.

O som dos precipícios que ninguém alcança, a luz da neve violeta que, irradiando, brilha nos cumes das montanhas.

A trama feliz de milhares de ervas, de milhares de raízes que pensam e sabem, derramarei no teu sangue, na menina dos teus olhos.

O som de miríades de vermes gradam terra e luz; o vozerio dos insetos voadores; te ensinarei, irmão, farei com que entendas.

As lágrimas das aves que cantam, seu peito que acaricio igual à aurora, farei com que sintas e ouças.

Nenhuma máquina difícil fez o que sei, o que sofro, o que do prazer do mundo gozo.

Sobre a terra, desde a neve que rompe os ossos até o jogo das quebradas, diante do céu, com a sua vontade e com minhas forças.

Não se afaste de mim, doutor, aproxime-te! Olhai-me bem, me reconheces? Até quando tenho que te esperar? Aproxime-te a mim: levanta-me até a cabine do teu helicóptero.

Te darei o licor de mil seivas diferentes. A vida de mil plantas que cultivei ao longo de séculos, desde o sopé das neves até os bosques onde tem suas tocas os ursos selvagens. Curarei tua fadiga que, às vezes, te apaga com bala de chumbo; te recriarei com a luz das cem flores de quina, com a imagem da sua dança no sopro dos ventos; com o pequeno coração da corruira na qual se retrata o mundo te refrescarei com a água limpa que canta e que eu tiro da parede dos abismos que guardam com tuas sombras as nossas criaturas.

Trabalharei séculos de anos par que alguém que não me conhece e a quem não conheço me corte a cabeça com uma pequena máquina?

Não, irmãozinho meu. Não ajudes a afiar está máquina contra mim; aproxime-te, deixe que te conheça; olhes detidamente o meu resto, minhas veias; o vento que sopra da minha terra à tua é o mesmo; respiramos o mesmo vento; a terra na qual as tuas máquinas, os teus livros e tuas flores, debaixo da minha, melhorada, amansada.

Que afiem as facas, que façam ..., que amassem barro para desfigurar nossos rastros.

Não tememos a morte; durante séculos temos afogado a morte com o nosso sangue, a temos feito dançar em caminhos conhecidos e desconhecidos.

Sabemos que pretendem desfigurar nossos restos com barro; mostrar-nos assim, desfigurados, aos nossos filhos par que eles nós matem. Não sabemos bem o que há de acontecer. Que caminhe a morte até nos outros; que venham a estes homens aos quais não conhecemos. Os esperamos em guarda; somos filhos do padre de todos os rios, do padre de todas as montanhas. É que já não vale nada o mundo, irmãozinho doutor?

Não digas que não vale. Maior do que minha força em milhares de anos aprendida que os músculos do pescoço em milhares de meses, em milhares de anos fortalecidos, é a vida, a eterna vida minha, o mundo que não descansa, que cria sem fadiga, que pare e forma como tempo, sem fim e sem princípio.

Março, 1996.